

A metade invisível do mercado

Os preços subiram e os fregueses sumiram do Mercado Central da Cantareira, no velho centro paulistano



José Roberto de Alencar
de São Paulo

Mais que a mão, metade do mercado era invisível na manhã de ontem. A metade vendedora estava a postos, reclamando da vida. A compradora tinha sumido: não se viam, no Mercado Central da Cantareira, nem 30% do movimento normal de uma quarta-feira. “Janeiro é fraco, mesmo”, diz Geraldo de Almeida Rolim, filho do dono da Avícola Rolim, no boxe 27 da rua 3. “Mas nunca tinha visto um tão ruim”.

Geraldo só tem 20 anos, pouco para ser considerado um bom observador de janeiros. Mas Luiz Antônio Veiga, cuja família vende panelas e terens de cozinha na Casa Bandeirante desde a inauguração do mercadão, em 1933, passou 25 de seus janeiros no comando dos boxes 1 e 4 da rua F. Jura não ter visto outro tão mequetrefe. E vai além (ou aquém): “Se fosse só janeiro, tudo bem. Mas dezembro também foi o pior dos últimos 25”.

E olha que Luiz Veiga nada vende mesmo, em janeiro. Tanto que só vai esquentar a cabeça com tabelas de panelas lá por 20 de fevereiro, quando fará — espera — novas encomendas. “Só depois das férias, em fevereiro saberei se é verdade que as de alumínio subiram 20%. Se for, vai tudo atrás. O governo diz que no Brasil não se compra em dólar, e sim em real, mas se esquece de que reais compram dólares, fato que atrela tudo”.

Como se vê, Luiz Veiga ouviu o galo cantar e sabe exatamente onde. Aliás, no Mercado Central, sempre se sabe onde ele canta: rua E, boxe 7, endereço da Hidrel Goldberg M/E. Daniela, filha do dono e caixa do aviário, diz que o galo, reprodutor Rhodia, custa R\$ 25. E que o fato de nenhum de seus porquinhos da Índia ou passarinhos ter ficado mais caro nas duas últimas semanas, não livra a casa da desertificação. Verdade. Entre 11h05 e 11h20, nem um comprador entrou ali. Só um vendedor, com cachorrinhos na caixa de papelão. Daniela não comprou: só havia no caixa os R\$ 20 normalmente deixados de véspera, para troco.

Ao contrário do galo Rhodia, es-

tável no aviário da Hidrel Goldberg, o frango da avícola de Geraldo Rolim galgou 14,13%. Rolim conta que, há duas semanas, o quilo valia R\$ 0,92 e, hoje, R\$ 1,05. Ovo, pato, tudo na avícola escalou no poleiro dos preços. Exceção é o coelho. “O quilo congelado me custava R\$ 5 e, hoje, R\$ 4,50”. Nada a ver com o que o coelho foi em vida. Não há notícia de mágico que tire peixe da cartola, mas a pescada segue o relhudo na contramão visível do mercado: o filé caiu de R\$ 4,50 para R\$ 3,50, no boxe 29 da rua C.

Filha do dono, Andréia Alves, 10 de seus 23 anos no caixa da Peixaria Dois A, diz que o peixe nacional flutua mesmo: “É normal. O importado é que disparou. A merluza argentina e o filé de badejo chileno ou argentino estão 20% mais caros. O salmão chileno, 40%. Todo importado subiu de 14 dias para cá”. E não só o importado fresco. Em qualquer

“O Governo diz que no Brasil se compra com reais, e não com dólares. Mas reais compram dólares”, diz vendedor

boxe que ofereça um bacalhauzinho de sotaque norueguês a R\$ 18 o quilo, contam que na semana passada custava R\$ 15.

Fruta estrangeira surfa melhor do que peixe, na crista da onda altista. Na Banca do Juca, aquela que trabalhou de cenário na novela A Próxima Vítima, Altamir Fernandes dá dois exemplos: o quilo da nectarina californiana subiu 50%, de R\$ 4 para R\$ 6, e o da uva chilena 71,4%, de R\$ 7 para R\$ 12. As nacionais permanecem estáveis, “e nem haveria por que aumentar seu preço”, diz Altamir. Raciocínio cristalino. Mas que não convence, por exemplo, os fornecedores da água mineral Pilar. “Que me custe 20%, 30% mais, repor o estoque de queijos suíços, holandeses, italianos e dinamarqueses ou mesmo argentinos, eu entendo”, diz o administrador de empresas graduado em Comércio Exterior pela Unip, Marcelo Roque, da Banca do Pacheco, na rua D, boxe 9. “Mas queria que alguém me explicasse por que a mozzarella Crioula, nacional, foi de R\$ 4 para R\$ 4,50. E a água Pilar do nosso bebedouro, de R\$ 3 para R\$ 3,50 o garrafão”. Ele pensava que a água nacional nada tinha a ver com o peixe importado.